



Fotografia como rebeldia e rebeldia como arte: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a luta pela terra em Santa Catarina

Felipe Araujo Chersoni¹

Resumo

Ensaio com imagens feitas no pré-assentamento do movimento dos trabalhadores rurais sem terra, filhos do contestado, como também da primeira ocupação do movimento após quatro anos de governo Bolsonaro e dois anos de pandemia no Estado de Santa Catarina, registrando o nascimento do acampamento 19 de abril.

Palavras chave: Luta pela Terra, Luta dos companheiros, Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra.

La fotografía como rebelión y la rebelión como arte: el Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST) y la lucha por la tierra en Santa Catarina

Resumen

Ensayo con imágenes tomadas en el pre-asentamiento del Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra Hijos de los Disputados y también del día de la primera ocupación del movimiento después de cuatro años de gobierno de Bolsonaro y dos años de pandemia en el Estado de Santa Catarina, registrando el nacimiento del campamento 19 de abril.

Palabras clave: Lucha por la Tierra, Los compañeros luchan, Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra.

Photography as rebellion and rebellion as art: the Landless Rural Workers Movement (MST) and the struggle for land in Santa Catarina

Summary

Essay with images taken at the pre-settlement of the Landless Rural Workers Movement Children of the Contested, and also of the first movement's occupation after four years of the Bolsonaro government and two years of pandemic in the State of Santa Catarina, registering the birth of the "19 de Abril" encampment.

¹ Mestrando em Direito pela Universidade (comunitária) do Extremo Sul Catarinense (PPGD-Unesc); Bolsista do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Comunitárias (PROSUC-Capes); onde é pesquisador vinculado ao Grupo pensamento jurídico crítico latino-americano, na qual se subdivide no grupo de Criminologia Crítica Latino Americana - Andradiano (Unesc) (grupo que sedia minha atual pesquisa); Membro pesquisador Cnpq no núcleo de Estudos em Gênero e Raça - Negra (Unesc); Membro do eixo de Criminologia e Movimentos Sociais - Instituto de Pesquisa em Direito e Movimentos Sociais (IPDMS); membro do coletivo de formação política Campo, Cidade e Revolução (Iela-Ufsc). Estuda Criminologia Crítica da América Latina, com ênfase na organização de nossos povos a partir dos movimentos populares. Contato: felipe_chersoni@hotmail.com

Key words: Struggle for Land, Companions fight, Landless Rural Workers Movement.

Não consigo me recordar bem acerca da data e ano da minha primeira fotografia, me lembro que em excursão da escola estadual João Prado Margarido, localizado no extremo da Zona Leste da capital paulista, ao Zoológico de São Paulo, aproximadamente no 7º ano de ensino fundamental, eu tive a primeira oportunidade de sair do bairro o qual eu tinha como mundo, não conhecia sequer outros bairros de São Paulo.

A alegria da minha família, composta por mãe, irmã, avó, tias, tios, primos e primas era geral, pois minha mãe não escondia o sentimento de euforia de, naquele momento conturbado da vida, poder proporcionar esse passeio para mim. Durante a organização do lanche que eu levaria, composto por pão de forma, margarina, queijo e presunto, lembramos que uma amiga ou parente, próxima a família, havia adquirido uma câmera fotográfica. Minha mãe, de súbito, teve a ideia de pedi-la emprestada para que eu levasse ao passeio para fazer registros. Preocupada, minha mãe falou, “pelo amor de Deus, não perde e nem deixa ninguém te roubar essa câmera”. Acenei com a cabeça positivamente e coloquei a câmera no pescoço.

Na entrada do ônibus, minha mãe pagou o passeio com um cheque, me lembro que o valor era de 60,00 ou 80,00 reais, e eu embarquei rumo ao passeio que, de certa forma, marcaria a minha vida. No entanto, certamente não seria pelos animais que eu veria.

De início, o fato de estar com uma câmera chamou a atenção da turma, que, por curiosidade, praticamente todas as crianças pediram pra ver. Os registros, hoje guardados nos álbuns da família, começaram logo no caminho.

Chegando no tão aguardado Zoológico de São Paulo, a euforia era grande, e eu comecei a manusear o aparelho de forma mais concisa. Logo, me deparei com as variadas formas de enquadrar o objeto fotografado e de como a iluminação favorecia ou não a captura de determinado ângulo. Resultado: me transformei no fotógrafo da turma aquele dia e devolvi a câmera inteira e salva, porém, com vários filmes queimados rrsrs.

Anos depois, com os aparelhos eletrônicos já, talvez, mais acessíveis, obtivemos a primeira câmera da família, a qual começou a me acompanhar por onde eu fosse. O extremo da zona leste de São Paulo sempre foi conhecido, para além de ser uma das zonas mais abandonadas da capital, palco de intensas revoltas populares, repressão policial e agitação sócio-cultural.

Ali, participei dos meus primeiros atos, compreendi desde cedo a importância da organização popular e dentro desse emaranhado de acontecimentos estruturais e pessoais, a

arte era combustível. Não fim, mas o meio, talvez o escape ou o lazer, o que, para o pobre, era rebeldia. E fotografar fazia parte dessa revolta.

Não afirmo que a fotografia salvou minha vida, e nunca tive pretensão de viver da arte, pois só conhecia, naquele momento, quem vivia de trabalho braçal, em rotinas que duravam cerca de 10 horas por dia, somadas as 4 horas entre, ônibus, trens e metrô lotados. Viver de arte, para mim, naquele momento era mais que utopia. Fato é: a fotografia sempre foi companheira.

Hoje morando em Santa Catarina e realizando meu mestrado, coisa rara pelas bandas de onde eu vim, observo que a fotografia não me abandonou e continua sendo instrumento de rebeldia e luta, capturando momentos e gerando risos entre a companheirada.

Ao subir a serra sentido ao planalto catarinense, resolvi que minha pesquisa, para além de linhas escritas e publicações, teria que ser participativa, pois se não fosse assim não valeria tanto a pena.

Entrego, então, alguns registros dessa participação, que se iniciou no pré-assentamento filhos do contestado, que por conta das diversas visitas, posso dizer que me sinto bem e em casa. Entrego também registros de um dia muito especial, que narra através das imagens a primeira ocupação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra após quatro anos de bolsonarismo que aconteceu no dia 19 de abril, na mesma região do acampamento filhos do contestado.

Nos registros, todos autorizados pelos companheiros/as, tento apresentar uma perspectiva de protagonismo dos que fazem acontecer. Todos os registros foram feitos através de aparelho celular.

[...] Esse evento traz presente um passado
de uma semente que deu vida ao movimento
no broto novo de Macalli e Brillante
A encruzilhada Natalino pôs fermento

Não adianta inventar outros caminhos
Porque jamais vão conseguir nos convencer
Capitalismo nunca foi de quem trabalha
Nossos direitos só a luta faz valer

E os companheiros que tombaram no caminho
Serão lembrados sempre pela estrada afora
Nossa vingança é ocupar os latifúndios
Já preparando o dia da grande vitória [...]
Canção de Zé pinto



Os símbolos de luta!



A bandeira!



O trabalho!



O orgulho na cabeça!



Companheiro grosso na hora do rango e da proza!



Companheiro sérgião na peleia!



Companheiro santin e sua neta helena a sem terrinha!